



O casal não tinha terra e casa, morava de aluguel, no distrito de Dom Leme. Mas em 2011 com as economias que fizeram e compraram um pedacinho de terra e puderam construir aos poucos a casa que hoje moram. No ano seguinte a cisterna e segundo Paulo algo já mudou “O quintal daqui não tinha muita coisa, mas com a cisterna melhorou um pouco, economizando bem consegui junto da minha esposa cultivar algumas plantas frutíferas e algumas hortaliças só para o consumo nosso” explica.

“Da roça eu não me dedico muito, quem se dedica mais é a mulher eu gosto mesmo é de cuidar dos bichos, das galinhas, dos porcos e das cabras. Não crio muito por não ter condição de criar por não ter muito espaço” conta Paulo, “fui e ainda sou muito criticado o povo me chama de preguiçoso, eu não ligo muito, me entendo bem com minha companheira que me entende que tem dia que tô inspirado e não quero saber de outra coisa que não seja pintar” diz.

Entre a enxada e o pincel, o Semiárido é pintado e o sorriso do jovem agricultor pintor é maior quando ele entra no cantinho em que faz seus quadros “aqui eu pinto e faço minhas preces, daqui consigo colocar tudo que tenho dentro da cabeça e do coração”.

Estas são experiências que mostram as várias faces do Semiárido brasileiro, tantos cenários e tantas realidades distintas. Uma trama que envolve personagens de uma realidade que se molda e traz consigo a marca da resistência de um povo que luta pelo bem viver.

AS VÁRIAS FACES DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Quem não conhece o Semiárido não sabe o quão rica e diversa é esta região do país. São tantos elementos e protagonistas que compõem este cenário que descrevê-lo em uma página escrita não seria possível.

O povo que vive em tanta riqueza consegue fazer da diversidade elemento que os permite conviver com o Semiárido. Convivência esta que transformam cada canto desta região. No cenário é possível perceber as várias faces do Semiárido.

Pra compor parte deste cenários vamos conhecer duas histórias:



Cícera Alves de Araújo (Silvani)

Paulo Gomes Primo



XVII Exposição de Produtos da Agricultura Familiar. Realizada entre os dias 01 à 04 de junho/2017.
Fotos: Nelzilane Oliveira

Programas que realizam sonhos

Da estrada vemos uma casa bem bonita, com um alpendre enfeitado com um pequeno canteiro na porta, o jardim é enfeitado com pés de couve e umas flores pra embelezar a entrada da casa, não podemos esquecer da cisterna de 16.000 L, ao lado da residência.

Nesta belo lar encontramos com a família de Cícera Alves de Araújo (conhecida por Silvani), 42 anos de idade mãe de dois filhos, Jefferson Araújo Rufino (17 anos) e Daniel Araújo Rufino (12 anos).

Silvani é uma mulher que tem como marca uma história de luta e resistência. Nascida e criada em Santana do Cariri, hoje mora no Sítio Peixoto. Aos 15 anos foi morar no Rio de Janeiro com um irmão, de lá partiu para São Paulo. Mas a ida ao sudeste foi por pouco tempo e Silvani volta após o falecimento de seu pai, agora para fazer companhia à sua mãe. Foi nesta volta que Silvani começa a desenvolver sua arte na culinária, pois passou a ajudar a mãe em um pequeno restaurante no Distrito Dom Leme.

Com o passar dos anos o restaurante passa a ser de responsabilidade de Silvani, por conta da idade e limitações de sua mãe. Silvani que já tinha se casado e tido o seu primeiro filho investe num pedacinho de chão no Sítio Peixoto.

No ano de 2007 ela se cadastra no Plano de Aquisição de Alimentos - PAA, e no Plano Nacional de Alimentação Escolar - PNAE. Então começa a fornecer para os Programas bolos, doces, sequilhos e pão de ló. Com o acesso aos mercados institucionais e melhoria de renda, ela fecha o restaurante.

Em 2010, depois que ela passa a morar em outro chão, conquista a cisterna de primeira água. Foi neste momento que ela passou a conhecer a ACB, a monitora de GRH (gerenciamento de recursos hídricos) atualmente é a comunicadora popular da ACB. “ver a transformação de vida das famílias que receberam a primeira e a segunda água é de uma emoção sem medidas” diz Nelzilane Oliveira, Comunicadora Popular da ACB.

Em 2015, ela passa a comercializar parte de sua produção na Feira Agroecológica de Santana do Cariri, “a feira deu uma animada maior na minha produção, lá passei por algumas capacitações e foi como fiquei sabendo que as cisternas grandes viriam pra Santana” diz.



A caminhada é árdua, com um quintal um pouco maior Silvani conquista no ano de 2016 uma cisterna-calçada do projeto P1+2 (ASA | BNDES), ela que já tinha começado a produzir algumas hortaliças e maracujás se sente ainda mais motivada a produzir em seu quintal. Recentemente ela acessou através do Projeto de Estruturação Produtiva da EMATERCE, um galinheiro com cerca de 50 pintos.

Atualmente a agricultora vive apenas com seus filhos, o caçula é o que mais gosta das atividades no quintal “Eu gosto de ajudar minha mãe, com ela aprendi a fazer as mudas de maracujá, gosto de aprender e quando crescer quero ser Agrônomo pra ajudar ainda mais minha mãe”, conta Daniel.

Hoje Silvani nos relata com um sorriso no rosto e emoção nos olhos, “aqui nesse pedacinho de chão eu tento fazer o que posso, trabalho não falta, de tudo eu faço um pouco, meus filhos me ajudam muito”.

Cores do Semiárido



O cenário do Semiárido foi e ainda é representado por imagens negativas na mídia, em livros escolares, pela tristeza de um cinza na vegetação, de animais e pessoas desnutridas. Mas o Semiárido é cheio de cores e não é apenas este cinza e tristeza.

A alegria e as cores do povo é representada por Paulo Gomes, 31 anos, agricultor da serra da Canafístola na cidade de Santana do Cariri, nas telas que ele pinta. Um agricultor artista plástico, “sempre gostei de desenhar, mas foi em um concurso de desenho na escola que me descobri. Ganhei o concurso e pude mostrar minha arte” diz Paulo. Ainda adolescente na escola sempre foi elogiado pelos desenhos que rabiscava em seus cadernos.

Ele sempre teve dificuldade em divulgar seu trabalho, os incentivos são poucos “Infelizmente não tive muitos incentivos com minha arte, o meu maior sonho era ter um ateliê e um quintal produtivo, para que eu minha esposa e minhas filhas termos uma vida melhor”, salienta.

Maria Lúcia, 28 anos é a companheira de Paulo, agricultora ela incentiva a arte de seu companheiro e diz “não é fácil, mas eu incentivo! No começo eu não entendia muito. Mas agora entendo melhor, não tive muito estudo, sempre tive que trabalhar na roça”. O casal têm três filhas, Paulina (9 anos), Maria de Fátima (4 anos) e Ana Yasmin (2 anos).